

Bock de cerveja

José Alberte Corral Iglesias



BAÍA EDICIÓN S

Alicia: *A questom é se se pode fazer que as palavras
signifiquem tantas cousas diferentes.*

Humpty Dumpty: *A questom é saber quem é o que
manda... isso é todo.*

Lewis Carroll

Para Lola

À maneira de petisco

Èis unha nova entrega de relatos curtos de José Alberte Corral adubados com retalhos da memoria saídos do seu magim racional. Neles lateja adoito o sentimento primigénio da infância e primeira adolescência, paraíso do jogo, da amizade e da falcatruada, na altura um reto diário para o rapaz de bairro, no caso que nos ocupa situado no Monte Alto da cidade da Coruña, o espaço dominado pola torre vigiante de Breogám.

No entanto, o rapaz feito homem muda, também de lugar, e o mundo abre-se diante del, o mundo do trabalho, da camaradaria e do compromisso social e político. Neste eido a actividade clandestina em tempos de opressom toma protagonismo e a repressom, a violência e a morte arroteiam com um sombricho manto a palavra e o acto comprometido. Deste jeito, os relatos trasladam ao leitor a Bilbao, Catalunha, França, Suíça e além mar, Austrália, Chile ou Venezuela, onde a emigraçom, o exílio e a clandestinidade tenhem o seu acovillo.

Nada novo debaixo do sol, sem lugar a dúvidas; a passagem do tempo é o preçom de vivermos nesta nossa leia de aprendizagem, de lembrança, de amor, de enfermidade, de trabalho, de loita... Temas e motivos todos que abrolham nos relatos de Corral protagonizados por pessoas humildes nos quais pensamento e sentimento compartilham espaço coma lôstregos fugidios no lusco-fusco.

Pólvora e magnólias maneja a pluma vivencial de José Alberte, quem nom renuncia tampouco ao fantástico maravilhoso da mau de meigas e feitiços com finais moí sugestivos. Assi pois, nom nos resulta oportuno enquadrar numha gaiola temática concreta os contos que se están a tratar, saídos da fabulaçom libre do seu autor. Eles som vivo reflexo de umha infância-mocidade numhas circunstancias político-sócias e pessoais determinadas. Numha ocasiom no Mimos, onde nos reunimos a directiva da Agrupaçom Cultural O Facho, fum quem de perguntar-lhe: “Corral, por que nom escreves umhas memorias no canto de nos contares historias que se perdem no éter?” “Buff, unhas memorias? Nos contos, neninho, nos contos vai o almisce do meu devir..”, e um sorriso de pilhabám pandilheiro esboçou a sua faciana marcada polo boxe mentres a sua olhada escrutava na minha.

Só fica logo erguermos o nosso *bock* e propormos um brinde para dar-lhe parabéns ao autor pola nova entrega de relatos que vós, leitores, estades a piques de saborear.

Henrique Sánchez Rodríguez

Membro directivo da Agrupaçom Cultural O Facho
Sonheiro, dezoito de Fevereiro de 2019

*De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.*

Vinícius de Moraes

Gozo da sorte de ter um amigo como Vitor, homem de bem e trabalhador, a sua figura chama constantemente a atenção, varudo e grande como um castelo, quase dous metros de altura e além disso um cento de quilos de músculos, possui umha extrema força física; mas, eu nengumha vez lha vim utilizar contra ninguém. Sua face colorada e pescoço de boi remarcam a forteza de um corpo baril e convenientemente acompanhado de umha inteligência ágil e perspicaz. Conhecemos-nos desde nenos, vivíamos casa por casa. Já desde pícaros brincamos juntos e algumha vez apanhamos boas broncas por parte das nossas maes por andarmos a batujar chagorças depois das chuvas. Outrossim, os dous jogávamos como juvenis no clube Torre, o meu companheiro de defesa central e eu de interior esquerdo. Poderíamos dizer que éramos unha e carne. Vitor trabalhava como aprendiz de mecânico, nos “Talleres Hércules” da rua Ramom del Cueto e eu cursava estudos de Náutica. Por suposto, ele era um mil-manhas e arranjara umha moto Guzzi com peças em segunda ou quarta mao, de desmanche; com ela ia fachendoso a qualquer lugar. Quando aparecia no treino vestido de samarra de coiro com umha águia nas costas desenhada com chatolas, o seu pantalom e as botas moteiras, ao se quitar o casco, sorria de felicidade e a sua mirada era luminosa como o abrente.

Tínhamos por costume ir bailar os domingos ao “Seixal” de Nós, ou ao “Brigo” de Betanços, dependia de como nos petara, invariavelmente íamos de autocarro; para isso jamais se serviu da moto, pois preferia andar com a pândega de brincadeiras. Foi num verao quando no Seixal conheceu a Marisa, os dous ficárom enlevados o um com o outro, combinárom em se encontrar naquela vindoura sexta na Corunha à saída das ocupaçõs respectivas, a rapariga trabalhava como modista num obradoiro da Gaiteira, pese a ela morar em Vilaboa. Vitor sentia-se bem com Marisa, e ao parecer, a ela acontecia-lhe algo semelhante, o namoro veu aginha. Começárom a sair juntos, e os fins de semana deixou de vir com a quadrilha; porém, nom abandonou o treino nem tampouco o jogo das partidas de futebol, nessas ocasiõs era o momento no qual nos encontrávamos. Qual nom seria a minha surpresa quando um dia o vejo chegar vestido de traje e sem a sua moto, perguntolhe a razom daquilo, ele algo amuado e com a cabeça um chisco baixa, di-me que a noiva o obrigara a vendê-la, dizendo que era um perigo, ademais de que deveria vestir com jaqueta como as pessoas decentes e nom com pelica.

Decorreu o tempo, tanto ele como eu estivemos polo mundo adiante a fim de afrontar a vida e tarmar da família. Hoje os dous somos um par de jubilados, encontramos-nos todas as tardes na cervejaria da “Estrela da Galiza” nos Quatro-Caminhos para parolar do divino e do humano, enquanto bebemos uns bocks de cerveja. O outro dia entrou umha parelha que passou a rente de nós, tanto ela como ele vestiam de moteiros; mirou-no, e como quem nom quere a cousa, di-me, velai que mudárom bem os tempos, os dous sorrimos.

*Ten a serena o canto
i a serpe o alento;
o lago ten a onda,
Dios ten o inferno.
Ti tes de abondo
co que tes escondido
neses teus ollos.*

Manuel Curros Enríquez

Falo por boca emprestada, quem mo revelou nom está hoje já connosco; foi Adriám o taberneiro da “Montanha”, a taberna da rua d’A Marola com Santo Tomé. Era homem assidado e circio, amador de contar estórias, de nengum jeito podias saber se eram inventadas ou certas. Atopava-me beberricando umhas taças de ribeiro quando ele se referiu ao seu amigo Ambrósio, relatou que numha noite de grande invernía e travessía achava-se o homem subindo pola rua da Torre a fim de regressar quanto antes à sua casa, de súpeto atopava umha humilde talha de sereia realizada em alabastro, colheu-na e em chegando ao quarto pousou-na na mesinha de cabeceira. O seu feitio enchia-lhe o olho polo bom lavrado e pola policromía.

Ao se deitar, botou umha olhada à pequena escultura e pareceu-lhe que esta lhe sorria. Pensou numha alucinação pois aquilo nom era possível, só era um pedaço de pedra. Na manhã do domingo seguinte saiu da casa com a finalidade de dar a caminhada manházeira e achegou-se até Ponta Herminia; observou umha mulher admirando a bravura do mar, era igualinha à sereia. Achegou-se e, ao que se encontrárom, bicárom-se como se conhecessem de toda a vida. Desde aquela jamais se soubo de Ambrósio.

*Vèrra la morta e avrà i tuoi occhi
questa morte che ci accompagna
dal mattino alla sera, insonne,
sorda, come un vecchio rimorso
o un vizio assurdo.*

Cesare Pavese

Para Fernando Souto Guinarte

Na época em que começa amolinar o tempo, adoito, às vezes, caminhar sem propósito, perder-me nas horas, respirar a aragem noturna do mar e parar-me a contemplar as ondas a baterem nas rochas, desde o pretil do passeio marítimo.

Já corria a sombra quando numha dessas passeatas vim-na por vez primeira e única, comoveu-me. A sua olhadela, à vez magnética e esvaída, portava a desolaçom da mirada de um cam chimpado na rua. Olhos abuados por umha tristeza cheia de abandono como se quisesse dizer a quem a contemplasse que era um erro existir. Nom reclamava piedade nem comprensom a sua demanda de estar soa. Era um desejo de morte como jamais contemplara.

Na sua caminhada ia acompanhada por outra mulher da idade dela, tampouco sorria; mas o seu andar era protector, seguro, direita e sem tesura desafrontava todos os deuses, sabendo que nem eles som eternos, só o nada.

Nom as voltei a ver jamais.

*Meu século meu século
aquele no que fundado so as bombas
disparos cantarolaban pre mim canto de berce
en congostras que lindaban cos eidos maternos...*

X. L. Méndez Ferrín

Para Juana e Armando

Notava o peso do Smith-Wetsom no estojo, portava-a no costado esquerdo por baixo da samarra, no peto interior direito os dous carregadores complementavam-na. Sentia o bater duro e forte do seu corazón, a secura na boca era acompañada de umha percepçom pesada das pernas, eram como se estas fossem calçadas com botas de chumbo.

Quatorze mortes, este era o custo de nom prestar atençom à informaçom achegada sobre que Horacio era um infiltrado da Polícia Federal. Agora, nom quedava outra, estavam obrigados a ultimá-lo naquela noite. Ia de frio, às três da madrugada era a hora convida de nos encontrar.

Telmo já chegara, só faltava Gilmar, o chileno. Seqüestrariam o delator a fim do interrogar sobre outros prováveis infiltrados, era melhor que cantasse de cheio e falasse sobre os outros possíveis confidentes. Telmo perdera a sua noiva Susana pola delaçom da tupa, dizia que nom sentiria piedade por ele. Aquela traiçom acabara nele com as fronteiras entre o legítimo e o que de maneira nengunha um revolucionário podia cometer, necessitaríamos reduzi-lo a fim de que nom consumasse nengum desmando.

Cada quem subiria em distinto ómnibus deste modo nom chamariam a atençom, juntariam-se na praça da parada, posteriormente iriam no carro roubado por Telmo; depois de o capturar, meteriam-no dentro do porta-mala e levariam-no a qualquer grande campa a trinta quilómetros, quando menos.

Eram conscientes de que a morte, a tortura, era o que lhes aguardava de um jeito ou de outro, por isso invariavelmente portavam umha bala num dos petos do jaquetom, era para eles mesmos. O presidente da Conferencia Episcopal da Eireja católica, o cardeal Aramburu, proclamara que se encontrava em perigo a civilizaçom cristao-ocidental; López Rega pregoara a guerra de extermínio contra os subversivos. Agora militares, policia, e paramilitares empregavam-se de cheio na perseguiçom e desapareiçom dos terroristas, como os “mídias” denominavam toda classe de activista político.

A maneira de ir vestidos confundia-os com trabalhadores de qualquer fábrica, de facto eram insuspeitos; porém, lograr estar alerta por inteiro era fulcral; os da Tripla A estariam de ronda em automóveis camuflados, se os viam, de seguro seriam capturados e assassinados.

Depois do golpe de Estado no Chile, numha juntança clandestina, acordara-se enviar um grupo de catorze militantes com medicinas e equipamento de enfermagem com objectivo de ficar lá formando parte da Resistência. Todos fõrom abatidos pola Polícia Federal em Primeros Pinos, perto da cordilheira, alguém dera o sopro, e sabíamos quem.

Nom tardárom em chegar, estávamos diante da porta, Telmo abriu-na com umhas gazuas; dentro só habitava o silêncio, aquele apartamento fora abandonado. Olhárom-se, ninguém falou; Gilmar reagiu, efectuou um aceno de calma e saírom sem dar um chio.

O ar húmido, abafante, do serao pressagiava umha dura noite. Olhou por um dos vitrais da oficina, decatou-se do Ford

Falcon de vidros atintados no ândito de enfrente; ficou cravado como um esteio, deu-lhe medo mas sabia que antes ou depois isto ia ocorrer, aguardavam-no. Agora, era obrigado ceivar-se dos para-policiais, confundiria-se entre a gente se queria gozar de alguma oportunidade de lograr sair vivo. O sangue corria-lhe vigoroso dentro de si, se a primeira impressom fora de temor, agora a totalidade dos seus sentidos estavam prestes a se libertar da situaçom. Agardou pola hora de maior densidade de viandantes, escapule-se, e sem chamar atençom mistura-se entre eles entrando logo na sala de cinema mais próxima, se o acaso ajudava poderia librar-se, senom a sorte definiria aginha a sua existênciam; nom podia voltar ao apartamento a recolher nada e precisava chegar até Morón onde poderia achar abeiro. Tomou o metro até a Praça Miserere, ali enlaçaria com um ómnibus e destarte chegaria onde de seguro obteria refúgio. Só estaria umhas horas, ao dia seguinte, como fosse, precisaria chegar a Córdoba, era a única possibilidade de sobreviver.

Ouve o arranque, os pneus do autocarro chantados sobre o asfalto roncam, fora as buzinas ensurdecem os transeuntes, era mais seguro que um táxi; a maior parte dos seus condutores som confidentes. O semáforo abre passo, um búzio largo e agudo sai do ómnibus e a longa fileira de veículos pom-se em movimento. Baixa ao final do trajecto, marmalha, é noite fecha, abriga-se caminhando por Domingo Fench pegado às paredes dos prédios, de súpeto é alumiado polos faróis de um automóvel; tem medo, sabe que é a sua fim, saca a Smith-Wetson, dispara; do auto saem algumas rafadas de subfuzil, alcança-no e fica deitado no chao.

Ao dia seguinte a manchete do jornal Clarín intitula com grandes letras, “Perigoso subversivo foi abatido em Morón”, sob o mesmo umha fotografia de um cadáver estarricado.